



# IV SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA

## “Educação Pública em Tempos de Reformas”

Dourados - MS, de 09 a 11 de Setembro de 2019

### Experiências de uma estagiária: compreendendo aspectos relacionados a aprendizagem dos alunos trabalhadores da Educação Básica

Anielle da Silva FRANCESQUE (UFGD)  
Adriana Oliveira MARQUES (UFGD)

#### Eixo 4 – Experiências e práticas no estágio supervisionado

**RESUMO:** trabalho apresenta as experiências vividas por uma estagiária, experiências estas em volta de observações acerca da falta de adequação de conteúdo com os alunos do período noturno, os quais permitissem a compreensão completa. Com eles não se pode trabalhar de mesma maneira do que com os demais horários, o professor deveria receber o apoio da escola em novos projetos que permitissem novas experiências de ensino, para que todos pudessem aprender. A defasagem que os alunos trabalhadores vêm sofrendo causam o desinteresse do mesmo. A escola vem sendo um espaço para várias funções, porém não pode se esquecer do papel da escola de compreender o contexto do aluno para que a aprendizagem não seja apenas uma mão única.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estágio, mudanças no formato das aulas, alunos trabalhadores, trabalho/escola...

## **Introdução**

### **Sentidos iniciais narrados por uma licencianda**

“A interpretação do passado só é experiência quando tomamos o passado como algo ao qual devemos atribuir um sentido em relação a nós mesmos” (LARROSA (2006, p. 135). É com base, nesse autor que proponho narrar minha visão e reflexões enquanto estagiária acerca das situações vivenciadas em Estágio.

Os relatos apresentados neste trabalho mostram situações vividas por uma estagiaria, uma aluna do curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Os estágios foram realizados em uma escola pública de um bairro localizado na periferia da cidade de Dourados/MS, no ano de 2018.

O primeiro contato que o Estágio Supervisionado I, me proporcionou foi com os alunos do período da manhã, período este que estudei durante todo o ensino médio na instituição. Com essa experiência pude perceber coisas de quando eu era a aluna e não dava o devido valor: como as horas que o professor levava para elaborar as aulas e atividades que pudessem nós auxiliar no entendimento do conteúdo, também a falta de condições para aulas diferenciadas e até mesmo a falta de respeito e interesse de alguns alunos.

Notei que as aulas de hoje são um pouco diferentes de quando estudei, pois, as aulas lecionadas hoje na escola são com auxílio de data show e utilizando livros virtuais, o uso do quadro e apenas para resolução de alguns exercícios. Nos anos em que estudei todos os professores utilizavam apenas o quadro e os livros didáticos que a escola fornecia. As aulas com data show ou aulas diferenciadas, como eram chamadas, apenas aconteciam raríssimas vezes e atividades experimentais em laboratório nem existiam, era apenas um projeto.

Toda essa mudança que vem ocorrendo na sociedade nos conduz a mudanças na forma de pensar e expor os conteúdos como futuros professores. Por meio de recursos didático-pedagógicos o professor pode explorar toda essa ampla variedade de opções, de uma forma que esse aluno entenda que mesmo tendo acesso a esses recursos digitais para sua distração, ele saiba que essas mesmas plataformas de distração podem ser usadas para aprender.

Essas mudanças que ocorreram com o passar dos anos melhoraram o ensino em alguns aspectos, por exemplo antes a escola nem sempre possuía livros didáticos para toda a turma e os alunos não conseguiam acompanhar os conteúdos e com essa possibilidade que a tecnologia está proporcionando de até mesmo os alunos conseguirem acessar os livros virtualmente está permitindo que eles tenham mais acesso a esse conteúdo. Por outro lado, essa facilidade que eles veem tendo pode deixá-los de certa forma acomodados, o papel do professor de hoje é saber lidar para que os alunos continuem interessados.

E foi isso que notei nos alunos do turno da manhã. Eles não deixavam que toda essa facilidade os atrapalhasse, eles continuavam interessados nas aulas e questionavam sempre que estavam com dúvidas e procuravam o professor quando era necessário, notei até mesmo que o professor dava a possibilidade que os alunos dessem sugestões de como queriam que tal assunto fosse melhor explorado como a utilização de vídeos e até mesmo a participação de estagiários ou PIBIDIANOS para auxiliá-los com listas de exercícios e atividades fora do horário de aula como forma de monitoria do conteúdo.

Nas turmas da manhã as salas infelizmente continuam lotadas e mesmo assim os alunos continuam frequentando a escola, lutando pelos seus direitos da educação e batalhando por um futuro melhor.

O seguinte estágio, o Estágio Supervisionado II, foi realizado na mesma instituição, porém com os alunos do período noturno. Os alunos do noturno são diferentes do período da manhã, a maioria das turmas é constituída de pessoas já na fase adulta e que constituíram família e boa parte trabalha durante todo o dia e vão para a aula cansados e sem ânimo para estudar ou mesmo realizar exercícios como os estudantes da manhã.

Os alunos que frequentam o período noturno possuem outras responsabilidades além da escola e alguns deles não estão dispostos a respeitar o professor e ver o professor como alguém que possa ajudá-los a aprimorar seu conhecimento. Os alunos desse período possuíam muita dificuldade em conteúdos básicos e o professor sempre tinha que retomar o conteúdo básico para que eles conseguissem fazer as atividades. As turmas consistiam de poucos alunos comparado com o período da manhã.

Pensando um pouco pelo lado dos alunos que estudam no período noturno conciliar família, trabalho e estudo quando se está na transição de jovem para adulto

ou já adulto não é uma tarefa fácil, têm a falta de tempo para estudar a falta de ânimo para frequentar uma escola que talvez nem tenha alunos com a mesma idade quando a pessoa já é adulta que acarreta vergonha ou timidez, o pensamento que o tempo nas aulas poderia ser um tempo gasto com suas famílias.

O professor de Química tentava várias formas para chamar a atenção dos alunos com vídeos, livros e atividades diferenciadas, porém o que mais chamava a atenção dos alunos infelizmente era quando o professor propusera nota em troca de certas atividades realizadas e mesmo assim havia alunos que não se interessavam.

### **Estudantes trabalhadores e camadas populares: algumas reflexões**

Esses alunos trabalhadores não podem ser excluídos pela escola. É necessário formar pontos adequados para que eles possam se desenvolver como qualquer outro aluno fazendo com que ele busque sua formação e não apenas encontrar seu “grupinho social” durante as aulas.

Segundo Rodrigues (1995) o trabalhador estudante que frequenta os cursos noturnos, experimenta uma divisão social diariamente. Durante o dia ele executa, efetua e realiza e a noite na escola deve pensar, refletir, calcular e planejar. Portanto ele passa da condição de trabalhador manual para trabalhador intelectual que faz com que ele estabeleça que a escola é um tipo de relação diferente daquela estabelecida pelos alunos que frequentam a escola em período diurno. Um aspecto gritante dessa relação é na forma de exclusão que o ensino noturno provoca, pois o aluno acaba recebendo um ensino defasado em relação ao oferecido no período diurno.

Essa defasagem de ensino com os alunos trabalhadores muitas vezes é justificada com: os alunos já vêm cansados, e/ou não tem interesse e nem responsabilidade. Na verdade, eles não recebem estímulos adequados para passar de série, são reprovados ou desistem e no ano seguinte se matriculam novamente e continua tudo do mesmo jeito. Temos que pensar que esse aluno está ali porque teve o pensamento de conseguir concluir o ensino médio então deve-se trabalhar formas para que esse aluno se lembre do porque está ali, ele não pode ser abandonado o ensino médio é de suma importância no processo de escolarização.

A problemática que envolve a escola e trabalho vem sendo discutidas por diversos autores, pois ainda não está bem definido na sociedade acerca do papel da

escola, pois o sistema dominante direciona que a escola deve preparar os jovens para o mercado de trabalho para movimentarem o mundo mercantilizado. Além disso, Leite (2008) argumenta que os alunos das camadas mais pobres acabam deixando a escola para trabalhar, o que penso que essa necessidade de trabalho ocorre nas camadas populares. E, nesse contexto há uma crise na escola contemporânea.

Vale ressaltar o argumento de Kuenzer, em que diz que o sistema tem transformado a escola num espaço com múltiplas funções, ou seja a escola atende práticas pedagógicas que são voltadas para o ensino, atende demandas demagógicas de governantes, em que muitas vezes é “moeda de trocas” para àqueles que gerenciam as escolas. Enfim, nessa multiplicidade de interesses a escola e seus agentes perdem sua identidade (KUENZER, 1991).

Há ainda aqueles que entendem a escola como uma salvadora de todas suas mazelas, esta crença no sentido redentor da educação não é de agora. Para Thompson (1987), em seu trabalho sobre a classe operária inglesa, evidencia que os trabalhadores, há muito, buscam na educação o caminho para alterar suas condições de vida.

Este mesmo autor cita, como exemplo, registros do final de século XVIII, de reivindicações voltadas ao direito à educação, pela qual o filho do trabalhador poderia ascender ao nível mais elevado da sociedade, conforme documentos da época. É interessante observar o mito do progresso individual, expresso correntemente em muitos sistemas educacionais em geral e em escolas em particular, afirmando que vale a pena estudar para ter sucesso na vida ou estudar para ser alguém na vida.

Esta “crença” que, de modo geral, os jovens depositam na educação faz parte da concepção tecno-instrumental da educação. Eles, e também muitos educadores, aderem a essa visão de maneira acrítica, acreditam que mudarão de vida ascendendo socialmente.

Muitas vezes, observei essa “fé” nos alunos do período noturno, pois embora estavam cansados, lutavam contra sua realidade para tentar “ser alguém na vida”, então chegavam na escola com um desejo de “crescer na vida”, entretanto o dia-a-dia enfrentando essa realidade de trabalhar e estudar não permitia dedicação aos estudos e muitas vezes o ensino que eles recebiam era muito superficial.

Claramente que o professor do ensino noturno não tem culpa nessa superficialidade de conteúdo, pois conforme aprendemos em muitos teóricos da educação temos que compreender o contexto do nosso aluno. Entretanto, percebo que essa realidade de escola e trabalho é muito mais complexa, pois exige conhecimento e visão de mundo que envolve a política, economia, enfim exige um conhecimento de mercado capital. Pois todos esses elementos relacionam-se com a sociedade e a escola.

Estas reflexões me fizeram compreender o dualismo que existe nos processos educacionais em nosso país. De um lado tem-se o sistema hegemônico que eu diria que deseja que a população tenha a educação de qualidade. De outro lado, há difusão da crença de que a educação constitui a chave de sucesso, para “se dar bem na vida”.

Para Mézarós, no reino do capital, a escola é uma mercadoria, basta ver a crise do sistema público de ensino pressionado pelas demandas do capital e pelos esmagamentos dos cortes de recursos dos orçamentos públicos. Assim, ele entende que a função do sistema educacional público é para lutar contra a alienação, para ajudar a decifrar os enigmas do mundo, uma educação emancipadora, libertadora que perpassa os limites ideológicos do sistema hegemônico (MÉSZÁROS, 2008).

Segundo Mézarós (2008), o papel da escola na formação dos indivíduos é desmistificar o caráter demagógico da cultura há muito tempo estabelecida da desigualdade substantiva, em todas as suas formas, para aproximar a realização da única relação humana permanentemente sustentável de igualdade substantiva na ordem global historicamente em transformação.

A escola é vista como instrumento de emancipação humana, na luta contra uma concepção de mundo baseado na sociedade mercantil, nesse sentido, não deveria ter diferença de ensino na sociedade e as escolas de periferia ou centro, pública ou privada deveriam atender as mesmas demandas para qualquer sujeito.

Entretanto, os relatos e reflexões que trouxe aqui nos provoca para uma inquietação latente, qual seja, essa diferenciação de ensino que ocorre nas escolas em que o aluno trabalhador é o mais prejudicado no sistema.

## **Conclusão**

Os alunos e professores devem ser aliados no processo de aprendizagem. O professor não é um adversário, ele precisa de condições adequadas para a realização do ensino permitindo que os alunos aprendam. A escola também deve priorizar a construção de espaços que possam atender o maior número possível de jovens e orientá-los para que eles possam ocupar espaços na sociedade.

## Referências

LARROSA, J. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Trad. Alfredo Veiga-Neto. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

KUENZER, A. **Planejamento e educação no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1991

LEITE, M. EDUCAÇÃO. Jornal Gazeta do Povo, 09/11/2008.

MÉSZÁROS, I. O Desafio e o Fardo do Tempo Histórico. São Paulo: Boitempo, 2007.

\_\_\_\_\_ Educação para além do capital. São Paulo: Ed. Boitempo, 2008